



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

Exposição Bestiário Nordestino: uma análise semiótica da monstrosidade nas xilogravuras nordestinas¹

Keyssianne de Oliveira²

Márcio Benevides³

Centro Universitário 7 de Setembro (Uni7), Fortaleza, CE

RESUMO

Este estudo aponta para uma análise semiótica das xilogravuras do folheto nordestino e como elas encontram sua essência na cultura sertaneja fortemente pautada pela religiosidade e o maniqueísmo. O objeto de estudo deste trabalho é a exposição “Bestiário Nordestino”, que reúne uma série de xilogravuras de artistas nordestinos e explora o grotesco presente no imaginário sertanejo através de seus monstros, metamorfos, santos e heróis. Ao se fazer uma análise semiótica dos signos carimbados nestas gravuras, podemos entender a dinâmica da cultura de um povo, como suas crenças, costumes, questões éticas e morais.

PALAVRAS-CHAVE: cultura popular; xilogravura; semiótica; grotesco; história do cordel.

INTRODUÇÃO

A origem da literatura de cordel remonta a Europa medieval, em que os primeiros registros datam por volta do século XV na Alemanha. As semelhanças entre a literatura originária e a que estudamos neste artigo são evidentes, assim como suas diferenças.

O folheto nordestino narra, por meio de histórias cantadas, o cotidiano do homem sertanejo. Trata-se da expressão viva de uma cultura, de uma forma de resistência e da mudança do seu próprio contexto social. As lutas entre cangaceiros e demônios, a mulher sendo representada como objeto de desejo e pecado, podendo levar os homens à perdição, o sagrado sempre se sobrepondo ao promíscuo. Todos estes símbolos remetem ao povo sertanejo expressando sua interpretação do mundo fortemente regida pela cultura popular e catolicismo.

A dissociação do termo “cordel” e “folheto” é importante como forma de fortalecer a identidade da literatura popular nordestina, uma vez que o cordel português se trata muito mais de uma fórmula editorial para a fácil divulgação de textos de inúmeros gêneros e autores, como histórias de princesas e novelas.

Já o folheto nordestino traz em sua essência os traços da cultura nordestina. As histórias bebem do cotidiano camponês para criação das narrativas que possuem versos rimados propositalmente para dar ritmo à cantiga do declamador. Os folhetos sempre trazem as aventuras de personagens próximos da realidade sertaneja, como cangaceiros, padres e divindades. O herói para o homem nordestino não é o guerreiro alado com armadura de ouro,

¹ Trabalho apresentado na IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social da UNI7, e-mail: keyssmorais@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UNI7, e-mail: marciofbenevides@gmail.com

mas o cangaceiro com roupa de couro que luta contra demônios e fazendeiros em defesa do povo.

O próprio termo “cordel” é uma nomenclatura acadêmica usada na contemporaneidade e não é apropriado pelo nordestino, pois “cordel” é um termo lusitano que faz referência à forma como os cordéis são vendidos, ou seja, pendurados em “cordão”. No Nordeste, fala-se “folheto”. Estes eram vendidos pelos folheteiros e se tratam de uma história impressa em papel barato, normalmente com 8 a 16 páginas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O curioso na arte de cordel é a relação entre texto e imagem. As xilogravuras geralmente aparecem nas capas do folheto ou na última página, servindo como prólogo do que esperar dos versos a serem lidos. Quando expostos no barbante, as pessoas escolhem os cordéis que querem ouvir/ler pela xilogravura impressa na capa. Por isso, normalmente retratam o clímax da história, como forma de instigar a curiosidade do público em comprar a obra. No entanto, o texto e a xilogravura se completam, mas não dependem um do outro. O texto pode ser compreendido sem a xilogravura e, ao interpretar os signos da xilogravura, tem-se uma história inteira resumida em uma só imagem.

Sendo assim, os textos dos folhetos e suas xilogravuras são entendidos e estudados como artes diferentes que se completam na união elementar entre texto e imagem. Como vimos, a literatura do cordel bebe de uma origem europeia medieval, ao mesmo tempo que expressa com propriedade a cultura do homem nordestino. Os xilógrafos, em especial, valem-se de uma arte milenar, imitando monstros, mulheres e cenários que veem nas mais diferentes referências.

Felizmente a veia nordestina fala mais alto, negando as regras estéticas e valendo-se dos traços toscos, grossos e irregulares que tornam a xilogravura de cordel uma arte íntima da cultura nordestina. E se falta referência aos gravadores, basta olhar ao redor, para a vegetação rasteira do sertão, para as roupas de cangaço, os animais da fazenda e as mulheres vestidas de chita, para encontrar na sua própria realidade inspiração fantástica que alimenta o imaginário das gravuras de cordel.

Toda cultura guarda, em seu íntimo, medos irracionais que permeiam o imaginário dos seus povos. São estes medos que inspiram a criação de universos fantásticos e dão vida a personagens, sejam vilões ou heróis, que são consagrados como símbolos daquele povo; como uma representação caricata da união do coletivo em um só arquétipo. Na arte da cultura nordestina não podia ser diferente, o bestiário nordestino, pautado pelo catolicismo dogmático,

encontra em demônios, serpentes e metamorfoses o medo do castigo divino para o pecado mundano.

Este artigo se debruça sobre a exposição “Bestiário Nordestino: um olhar sobre a gravura fantástica”, com curadoria do pesquisador e xilogravurista Rafael Limaverde e do arte-educador e grafiteiro Marquinhos Abu. A exposição permite uma aproximação do público com o grotesco que permeia o imaginário popular do Nordeste, evidenciando o bestiário nordestino como reflexo dos símbolos do sertão. A mostra reúne xilogravuras de mitos e monstros produzidas no século XX e XXI por 15 artistas do nordeste.

A exposição trabalha a visão das xilogravuras como arte viva presente, traçando um paralelo entre o velho e o novo. Nela são expostas gravuras tradicionais e imortalizadas, mas também as obras de xilogravuristas contemporâneos que repercutem a arte e a técnica para a atualidade, inovando tanto na forma de produção quanto de consumo para que o público volte a enxergar as xilogravuras e os textos de cordel como arte viva. Dentre as ilustrações exibidas, neste artigo em questão, foram analisadas em especial aquelas xilogravuras contemporâneas que reinventam a arte sem perder a essência e os ícones nítidos do passado.

O reino da xilogravura apresentado na exposição Bestiário Nordestino liberta os monstros e criaturas presos no imaginário do homem sertanejo. A metamorfose presente nos monstros de cordéis é, talvez, o resquício mais aparente da herança medieval que essa literatura traz tatuado em suas gravuras. O imaginário medieval é fortemente regido pela religiosidade e traz as metamorfoses como punição para tudo que é considerado mal e para aquilo que desvia do consenso do que é considerado normal, feio ou promíscuo. Cassia Alves Silva (2010) define o conceito apresentado por este gênero literário:

A punição do pecado através da metamorfose é uma reminiscência medieval muito comum no Nordeste e é também o fio condutor do cordel de metamorfose e do grotesco presente nestes textos. Diversos seres metamorfoseados aparecem nas histórias contadas pelo povo. Homens transformados em lobisomens, em porco e mulheres em cobras, cabras e corujas. Todas essas transmutações têm conexões residuais, sobretudo com o imaginário medieval, consequência da colonização e da estrutura semifeudal encontrada no Nordeste brasileiro até o início do século XX.⁴

Essa herança medieval resiste devido às consequências da colonização que resultaram na estrutura semifeudal presente no Nordeste brasileiro até início do século XX. O grotesco é

⁴ SILVA, Cassia. Resíduos medievais do grotesco no cordel de metamorfose. 2010, p. 144.

ainda apenas uma das muitas referências medievais presentes no cordel brasileiro, sendo o fio condutor das narrativas que trabalham a dualidade entre o bem e o mal, o sagrado e o profano.

ANÁLISE: Exposição Bestiário Nordestino

Dentre as inúmeras xilogravuras à mostra na exposição, é fácil perceber estes resíduos medievais. Logo na primeira sessão, somos surpreendidos por uma mulher com cabeça humana e corpo de cachorra, segurando um osso em cada mão, com as tetas bem à mostra e o rabo empinado. O cachorro é um animal visto com maus olhos pela sociedade, principalmente em uma região tão religiosa como o Nordeste. Quando este animal adquire ainda o peso do gênero, temos o cachorro como um símbolo de promiscuidade e vergonha. O melhor exemplo disso é o termo “cachorra” ser muito usado como um xingamento.

Não é difícil perceber que dentre os castigos aplicados para cada pecador, animais relacionados à obscenidade e à traição são aplicados às mulheres, enquanto os homens são castigados com animais geralmente relacionados à sujeira ou maldade, como é o caso dos títulos: “O homem que virou sapo por zombar de São Francisco”, “O ateu que virou jegue” ou ainda “O homem que virou bode”. Atente-se a este último, pois o bode é um símbolo universal que remete ao diabo e suas feitura.

No artigo em questão, analisamos 4 xilogravuras contemporâneas presentes na exposição “Bestiário Nordestino”, sendo 3 do artista cearense Adriano Brito, datadas de 2014, são elas: “Kareta com K”, “O Boy Mansinho” e “Careta Tatuado”. Além destas, foi analisada também a xilogravura do artista pernambucano Lourenço Gouveia, intitulada de “Padim Yoda”.

CONCLUSÃO

A discussão proposta neste estudo se encerra com uma análise sobre a xilogravura contemporânea que mescla referências da atualidade com signos tradicionais que remetem a essência nordestina que serviu de berço para o cordel regional que conhecemos hoje.

Nota-se ainda a importância de diferenciar a literatura de folheto da arte em xilogravura. A própria xilogravura é uma arte medieval que só é adotada para as capas de folheto a partir de 1940, quando a literatura de cordel já era amplamente difundida no nordeste brasileiro.

Por isso, entende-se cordel e xilogravura como duas artes complementares, porém independentes. Finalmente, as narrativas de cordel e xilogravuras, apesar de patrimônios imateriais da cultura brasileira, não devem ser restritas a museus ou retomados em estudos como

algo encerrado e obsoleto. Trata-se de uma expressão viva de uma cultura presente que inova a cada ano.

Hoje, produz-se cordel e xilogravura com novas referências estéticas, editoriais e técnicas mais modernas, mas sem abrir mão da essência nordestina, resistente, vanguardista e tradicional.

REFERÊNCIAS

BRITO, Adriano. Careta tatuado, 2014. Print scream. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xqboGYF0yMs>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

BRITO, Adriano. Kareta com K, 2014. Print scream. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zgBRDJ8CKL4>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

BRITO, Adriano. O boy mansinho, 2014. Print scream. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=whtcwkBBnFw>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

CARVALHO, Gilmar de. Fortaleza: IPHAN, 2014.

FRANKLIN, J. Xilogravura popular na literatura de cordel, Brasília: LGE, 2007. 124p.

GIL, José. Monstros. [S.I]. Relógio D'água, 2006.

GOUVEIA, Lourenço. Padim Ioda. Print scream. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mkj5LYxm_YA>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

LIMA, S. O fantástico como denúncia do real: uma abordagem do cordel nordestino. Revista Entrelaces, Ceará, v. 8, n.20, Jun, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53341/1/2020_art_stlima.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

LIMAVERDE, Rafael. ABU, marquinhos. Bestiário Nordestino: um olhar sobre a gravura fantástica. Fortaleza-CE. 2019.

MEDEIROS,W.; PEREIRA,.C. Xilogravura popular nordestina: uma análise dos signos plásticos contidos na imagem gráfica. Educação gráfica [S.I], v. 20, n.2, 2016. Disponível em: <http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2016/11/19_XILOGRAVURA-POPULAR_260_276.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

MELO, A. Artes de cordel: linguagem, poética e estética no contemporâneo. Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, Mai, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/FvJHSrnnXYPr9XdhLyqJwBp/?lang=pt#>>. Acesso em: 12, março, 2023.

NOGUEIRA, A. Literatura de cordel: folclore, coleção e patrimônio imaterial. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, Ceará, n. 72, p. 262-275, abr, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i72p262-275>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

SILVA, Cassia. Resíduos medievais do grotesco no cordel de metamorfose. 2010, 171f. Dissertação (Mestrado em Letras) contemporâneo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2010.

SUASSUNA, Ariano de. Pernambuco: Diário de Pernambuco, 1964 - 2008 – 2013.

VARJÃO, T. As mitologias do sertão através do cinema e literatura. Letras De Hoje, Sergipe, v. 53, n 4, p. 517–525, dez. de 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.4.29889>>. Acesso em: 12 de out. de 2022.